

FONTE : O Globo

CLASS. : MTR 010 1/1

DATA : 21 10 90

PG. : 03

24-10-89



Raoni encanta os franceses com pequenas obras coloridas que reproduzem as pinturas corporais dos caiapós

Paris aplaude um pintor: o cacique brasileiro Raoni

PATRICIA SABOIA
especial para O GLOBO

PARIS — Preto e vermelho, branco e preto. Linhas horizontais, oblíquas e curvas se encontram, construindo um mundo geométrico onde convivem a folha de palmeira, a carapaça do crocodilo ou os pingos da chuva. Desenhos como estes, que vestem os índios caiapós nas festas rituais, desta vez saltaram direto das margens do Xingu para uma galeria de arte em Paris — levando a assinatura trópega do cacique Raoni.

Desde quinta-feira, data da vernissage, os 43 pequenos desenhos têm sido visitados por curiosos frequentadores da Bastilha — bairro onde se concentram artistas e galerias. Mais surpreendente ainda: uma das gravuras já ostenta o orgulhoso rótulo vermelho de "vendida". A escolhida foi "Utenkei", ou "O la-

garto", adquirida por nada menos de 1 mil 600 dólares — no topo da lista de preços, que começa em 1 mil dólares. A idéia da exposição de Raoni nasceu há mais de um ano quando, escutado pelo cantor Sting, o cacique desfilou pelas televisões européias defendendo a causa dos índios e da Amazônia. Se a iniciativa da viagem coube à fundação de ecologia Rainforest International, quem acabou mesmo faturando o exotismo de Raoni com uma bela jogada de marketing foi a empresa K-Way International. Ela decidiu lançar uma linha de roupas com a grife Raoni e encomendou então ao novo artista um trabalho que ele jamais ousara: transpor para o papel as pinturas corporais de sua tribo, as estampas geométricas que mulheres e homens ostentam, como uma imensa tatuagem, quando participam das cerimônias de purificação, quando a temporada de caça começa, ou quando precisam espantar para longe os

maus espíritos. Então eles esfregam o negro genipapo no corpo, o urucum vermelho-sangue no rosto, e se cobrem de uma trama que pode simbolizar o tamanduá ou a tartaruga, a folha ou a terra. Para a K-Way, receber os originais de Raoni e decidir aproveitá-los, não só em seus tecidos mas também como quadros, foi um passo. O interesse plástico despertado pelas reproduções levou-a a procurar especialistas para organizar uma exposição que, segundo os organizadores, está sendo realizada na Galeria Brazil Inter-Art para "manter a identidade cultural" das pinturas. A exposição seguirá até 27 de outubro, apoiada pela secretaria ligada ao Ministério do Ambiente e por fundações ecológicas, e tem um compromisso: canalizar o resultado das vendas das obras, dos catálogos, dos cartões-postais e dos posters para as iniciativas ligadas à salvaguarda da floresta amazônica e das suas tribos.